

O gigolô das palavras: uma abordagem discursiva¹

Eliane Botelho Ferraz²

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar o conflito entre o discurso conservador (gramaticalista) e o discurso liberal, assim como a construção da ironia na crônica “*O gigolô das palavras*” de Luiz Fernando Veríssimo, sob a perspectiva da teoria semiolinguística proposta por Charaudeau.

Palavras-chave: Discurso; Conflito; Ironia.

Palavras iniciais

A Análise do Discurso (AD) reconhece o texto como o lugar do trabalho com a linguagem e de funcionamento da discursividade, dessa forma, não o tem como objeto final de sua explicação. A tarefa do analista é descrever como funciona o texto, considerando o seu caráter lingüístico-histórico, trabalhando a opacidade do mesmo e desvendando o mecanismo dos processos de significação, que regem a textualização do discurso.

O objetivo deste trabalho é analisar a crônica “*O gigolô das palavras*” de Luiz Fernando Veríssimo, identificando alguns aspectos como o conflito entre o discurso conservador, gramaticalista e o discurso “liberal”, que questionava o ensino de língua materna como sendo o ensino da gramática da língua. Para isso, recorre-se à definição de formação discursiva como apresentada por Mussalim (2001), cujo texto explora a teoria bakhtiniana de dialogização interna do discurso.

Outro aspecto que será objeto de análise deste trabalho é o efeito da ironia, a partir da conceituação de “argumentação discursiva” apresentada em Machado (1998) e à luz da teoria semiolinguística de Charaudeau (2004) e das noções de contrato e estratégias do discurso, por este construídas.

1. Duas formações discursivas em confronto

1.1. Ensino de gramática: Tradição X Liberdade

“O conceito de formação discursiva é utilizado pela AD para designar o lugar onde se articulam discurso e ideologia” (Mussalim, 2001, p. 125). O discurso, portanto, está longe de ser produto de um sujeito específico, pois traz em si a ideologia da formação discursiva que o originou.

Através da análise das marcas lingüísticas e dos implícitos de um texto pode-se identificar a formação discursiva à qual se vincula.

Na crônica em análise pode-se perceber que o autor expõe e opõe duas questões anteriormente já citadas, o discurso conservador e o liberal em relação ao ensino da gramática. Isso se torna evidente logo no primeiro parágrafo, quando o locutor explicita qual a “missão” daquele grupo de estudantes do Colégio Farroupilha em sua casa. O professor de português os enviara para saber se ele, o locutor, considerava o estudo da gramática indispensável para aprender e usar nossa ou qualquer outra língua.

Opondo-se a esse discurso, a resposta que é dada aos alunos é apresentada no segundo parágrafo: *“Respondi que a linguagem, qualquer linguagem, é um meio de comunicação e que deve ser julgada exclusivamente como tal. Respeitadas algumas regras básicas da Gramática, para evitar os vexames mais gritantes, as outras são dispensáveis. A sintaxe é uma questão de uso, não de princípios. Escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo”*.

A pergunta que os alunos fizeram ao entrevistado reflete a prática de ensino de língua materna, opressora e repressiva, baseada exclusivamente no ensino da gramática. Em sua resposta o locutor já revela sua posição contrária ao ensino tradicional apontando para a questão da linguagem como meio de comunicação.

Segundo Mussalim (2001), a AD considera como parte constitutiva do sentido o contexto histórico-social, assim sendo, faz-se necessário situar historicamente a crônica de Veríssimo, que foi publicada em 1982, recolhida do jornal Zero Hora, de Porto Alegre.

Naquele momento histórico, o texto de Veríssimo foi considerado uma verdadeira afronta à língua portuguesa e sofreu sérias críticas por parte do grupo mais conservador de estudiosos da língua, no Brasil. A crítica irreverente à escola tradicional e à visão gramaticista vigente do ensino de língua materna encontrou apoio, porém, daqueles

estudiosos mais liberais, que já reconheciam a necessidade de mudanças no modelo de ensino do Português, o qual vinha se mostrando ineficaz já de longa data.

É bom lembrar que somente em 1998, mais de dez anos após a publicação da crônica, ocorreu o lançamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCN, os quais representam um grande avanço em relação ao ensino de língua materna nas escolas.

No texto de Veríssimo, a oposição entre o pensamento tradicionalista (gramaticalista) e o liberal é ressaltada com muito humor, quando o locutor critica a atitude de “patrulhamento”, exercida pelos ditos “puristas” da língua, dizendo que suspeitava que o professor lia sua coluna e se “descabelava” com as suas afrontas às leis da língua. O locutor imagina a defesa que faria do seu trabalho, utilizando-se para isso do jargão jornalístico: *“Culpa da revisão! Culpa da revisão”*.

No final do terceiro parágrafo o sujeito locutor mais uma vez expõe a sua indiferença em relação aos aspectos formais da língua, construindo metaforicamente o seu discurso: *“Não me meto na sua vida particular [das palavras]. Não me interessa seu passado, suas origens, sua família nem o que os outros já fizeram com ela.”*

Conhecer a vida particular, o passado, as origens e as famílias das palavras são aspectos da Gramática Descritiva, da Gramática Histórica, da Etimologia e da Lexicologia que na visão do locutor não interessam a um escritor: *“... a intimidade com a Gramática é tão dispensável que eu ganho a vida escrevendo, apesar da minha total inocência na matéria”*.

O texto, portanto, revela, através do discurso do personagem narrador, o conflito entre duas formações discursivas, e demonstra que se pode perceber sempre, numa formação discursiva, a presença do outro e a heterogeneidade do discurso. O autor se conduz de tal forma na construção do personagem narrador, que este, ora expõe através de sua enunciação uma formação, ora outra, no espaço interdiscursivo.

A heterogeneidade constitutiva do discurso é abordada por Mussalim (2001) como um estudo decorrente do dialogismo do círculo de Bakhtin, o qual não tem como preocupação central o diálogo face a face, mas sim a dialogização interna do discurso, que se instaura numa perspectiva plurivalente de sentidos. A partir do conceito de dialogismo bakhtiniano é que se estrutura a definição de heterogeneidade constitutiva do discurso, a qual assinala a presença do outro na superfície discursiva.

1.2. A ironia

No primeiro parágrafo da crônica, o sujeito narrador utiliza-se daquilo que Charaudeau chama de estratégia de credibilidade, ou seja, determina uma posição de verdade, de maneira que ele possa ser levado a sério. A credibilidade vai sendo construída pelo uso de expressões literais como: *“Quatro ou cinco grupos diferentes de alunos do Farroupilha estiveram lá em casa, numa mesma missão...”*

A partir do segundo parágrafo, o sujeito locutor constrói uma argumentação representativa da formação discursiva que não vê utilidade no ensino da gramática em sala de aula. Através da frase: *“Escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo”*, o locutor justifica a assertiva feita anteriormente: *“A sintaxe é uma questão de uso, não de princípios”*. Ao utilizar o adjetivo claro modificando o verbo em vez de utilizar o advérbio (claramente), como estaria ao gosto dos gramáticos, o autor quer demonstrar que conseguiu se comunicar, apesar de não ter feito uso “correto” da norma gramatical.

A estratégia de sedução que o sujeito locutor utiliza inicia-se com a assertiva: *“O importante é comunicar”*, logo após elabora metaforicamente a idéia do fazer literário como algo que surpreende, ilumina, diverte e comove.

O final do segundo parágrafo é marcado por uma ironia mordaz. A estratégia de convencimento se faz com o autor relacionando as razões para não se ensinar gramática e associando-a à morte da língua. Utiliza-se para isso das seguintes expressões: *“A gramática é o esqueleto da língua”, “línguas mortas”, “necrólogos”, “gente pouco comunicativa”, “sombria gravidade”, “reprovação pelo Português ainda estar vivo”, “morra”, “caixão”, “autópsia”, “as múmias conversam entre si em gramática pura”*.

Nos dois últimos parágrafos, o autor dá o tom irônico ao se apropriar do discurso machista que se inicia com a frase: *“Sou um gigolô das palavras”*. O sujeito locutor constitui seu discurso por analogia à relação do cafetão com a prostituta. Utiliza-se de expressões que revelam sua intimidade e liberdade no trabalho com a palavra: *“Um escritor que passasse a respeitar a intimidade gramatical das suas palavras seria tão ineficiente quanto um gigolô que se apaixonasse por seu plantel. Acabaria tratando-as*

com a deferência de um namorado ou com a tediosa formalidade de um marido. A palavra seria a sua patroa.”

Há uma sintaxe discursiva implícita na seqüência de frases: “vivo às suas custas”; “abuso delas”; “exijo submissão”; “maltrato-as sem dúvida”; “são faladíssimas”; “algumas são de baixíssimo calão”; “não merecem o mínimo respeito” e “A gramática precisa apanhar todos os dias para saber quem é que manda”. O autor recorre a um discurso que não é o seu, trazendo para um contexto novo as frases acima citadas, estas assumem uma ambigüidade característica da ironia.

A ironia (cf. Machado 1998), é “um dos meios dos quais dispõe a argumentação para expor as afirmações e teses que deseja sustentar”. No discurso escrito, o escritor faz uso de estratégias para construir a ironia como, por exemplo, utiliza-se de:

“ palavras que não são ‘suas’ ou que toma ‘emprestado’ de outras vozes, de outro discursos e de outras situações de comunicação.[...] as palavras do ‘outro’, usadas em novos contextos e por outros locutores, assumem uma caráter duplo, [...] e será usado para subverter o significado primeiro das palavras do ‘outro’. (Machado, 1995, p.144-5, apud Machado,1998, p.166).

Considerações finais

Como vimos, a finalidade da análise não é descrever nem interpretar, mas compreender como o texto produz sentidos através de seus mecanismos de funcionamento.

Na crônica analisada, o humorista exprime sua insatisfação com uma visão tradicional (gramaticalista) da língua e se insurge contra o conservadorismo das escolas e suas práticas de ensino.

Luiz Fernando Veríssimo, no texto “*O gigolô das palavras*”, revelou todo o seu humor cáustico construído através da ironia e da irreverência, levando o leitor a refletir sobre o tema sério e polêmico que é o ensino de língua materna no Brasil.

Referências

- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.
- LUFT, Celso P.. *Língua e liberdade: por uma nova concepção de língua materna e seu ensino*. 2. ed. Porto Alegre: L & PM, 1985.
- MACHADO, I.L, CRUZ, A. R, LYSARDO-DIAS, D.. *Teorias e Práticas Discursivas. Estudos em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso da Fale-UFMG, 1998.
- MUSSALIM, F. & BENTES, A.C. (Orgs.). *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*, v. 2 . São Paulo: Cortez, 2001.
- ORLANDI, E. P.. *Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos*. Campinas, São Paulo: Pontes, 2001.

A crônica analisada encontra-se em LUFT, C.P.. *Língua e liberdade: por uma nova concepção de língua materna e seu ensino*. Porto Alegre: L & PM, 1985 (cf. o anexo a seguir).

² Mestranda em Letras – Lingüística, pela Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF. As sugestões, críticas ou discussões podem ser feitas em ebferraz@terra.com.br

ANEXO

O gigolô das palavras

Luiz Fernando Veríssimo

Quatro ou cinco grupos diferentes de alunos do Farroupilha estiveram lá em casa numa mesma missão, designada por seu professor de Português: saber se eu considerava o estudo da Gramática indispensável para aprender e usar a nossa ou qualquer outra língua. Cada grupo portava seu gravador cassete, certamente o instrumento vital da pedagogia moderna, e andava arrecadando opiniões. Suspeitei de saída que o tal professor lia esta coluna, se descabelava diariamente com suas afrontas às leis da língua, e aproveitava aquela oportunidade para me desmascarar. Já estava até preparando, às pressas, minha defesa ("Culpa da revisão! Culpa da revisão!"). Mas os alunos desfizeram o equívoco antes que ele se criasse. Eles mesmos tinham escolhido os nomes a serem entrevistados. Vocês têm certeza que não pegaram o Veríssimo errado? Não. Então vamos em frente.

Respondi que a linguagem, qualquer linguagem, é um meio de comunicação e que deve ser julgada exclusivamente como tal. Respeitadas algumas regras básicas da Gramática, para evitar os vexames mais gritantes, as outras são dispensáveis. A sintaxe é uma questão de uso, não de princípios. Escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo. Por exemplo: dizer "escrever claro" não é certo mas é claro, certo? O importante é comunicar. (E quando possível surpreender, iluminar, divertir, mover... Mas aí entramos na área do talento, que também não tem nada a ver com Gramática.) A Gramática é o esqueleto da língua. Só predomina nas línguas mortas, e aí é de interesse restrito a necrólogos e professores de Latim, gente em geral pouco comunicativa. Aquela sombria gravidade que a gente nota nas fotografias em grupo dos membros da Academia Brasileira de Letras é de reprovação pelo Português ainda estar vivo. Eles só estão esperando, fardados, que o Português morra para poderem carregar o caixão e escrever sua autópsia definitiva. É o esqueleto que nos traz de pé, certo, mas ele não informa nada, como a Gramática é a estrutura da língua, mas sozinha não diz nada, não tem futuro. As múmias conversam entre si em Gramática pura.

Claro que eu não disse isso tudo para meus entrevistadores. E adverti que minha implicância com a Gramática na certa se devia à minha pouca intimidade com ela. Sempre fui péssimo em Português. Mas - isso eu disse - vejam vocês, a intimidade com a Gramática é tão indispensável que eu ganho a vida escrevendo, apesar da minha total inocência na matéria. Sou um gigolô das palavras. Vivo às suas custas. E tenho com elas

exemplar conduta de um cáften profissional. Abuso delas. Só uso as que eu conheço, as desconhecidas são perigosas e potencialmente traiçoeiras. Exijo submissão. Não raro, peço delas flexões inomináveis para satisfazer um gosto passageiro. Maltrato-as, sem dúvida. E jamais me deixo dominar por elas. Não me meto na sua vida particular. Não me interessa seu passado, suas origens, sua família nem o que outros já fizeram com elas. Se bem que não tenho o mínimo escrúpulo em roubá-las de outro, quando acho que vou ganhar com isto. As palavras, afinal, vivem na boca do povo. São faladíssimas. Algumas são de baixíssimo calão. Não merecem o mínimo respeito.

Um escritor que passasse a respeitar a intimidade gramatical das suas palavras seria tão ineficiente quanto um gigolô que se apaixonasse pelo seu plantel. Acabaria tratando-as com a deferência de um namorado ou a tediosa formalidade de um marido. A palavra seria a sua patroa! Com que cuidados, com que temores e obséquios ele consentiria em sair com elas em público, alvo da impiedosa atenção dos lexicógrafos, etimologistas e colegas. Acabaria impotente, incapaz de uma conjunção. A Gramática precisa apanhar todos os dias pra saber quem é que manda.